

APRESENTAÇÃO

Walter Carlos Costa e Paulo Henriques Britto

Muitas vezes a relevância de um escritor é vista com mais clareza no estrangeiro do que em seu ambiente de origem. Edgar Allan Poe foi descoberto antes na França do que nos Estados Unidos, e as traduções de Baudelaire serviram tanto para tornar célebre no mundo o inventor do conto policial como para formular a modernidade literária ocidental. O mesmo tinha acontecido no século XVII, quando franceses e ingleses descobriram e traduziram o *Quixote*, então menosprezado na Espanha, o que ajudaria a elevar a prosa de ficção inglesa a um novo patamar. Esse olhar de fora, que no século XX transformou autores como Borges em celebridades mundiais, tem se ocupado menos da literatura brasileira do que da hispano-americana. Ainda assim, devemos a renovação da crítica machadiana à professora e tradutora norte-americana Helen Caldwell e ao professor e tradutor inglês John Gledson. Também Clarice Lispector deve seu reconhecimento mundial, em grande parte, a escritoras, críticas, acadêmicas e tradutoras europeias e norte-americanas.

Este número de *Tradução em Revista* é dedicado à poesia brasileira traduzida e nos oferece, através de casos representativos, uma visão da poesia nacional que não coincide totalmente com o consenso interno, o que nos permite um frutífero exercício de reexame de nosso cânone.

Dois dos artigos presentes neste número oferecem uma visão externa renovadora da poesia consagrada de Drummond e da poesia controversa dos concretos. Arie Pos nos oferece um fascinante relato da difusão do poeta de Itabira na Holanda, onde ele é frequentemente associado a Fernando Pessoa por obra de seu tradutor, August Willemsen. Willemsen ofereceu simultaneamente finas traduções do português e do brasileiro, sempre acompanhadas de posfácios com leitura pessoal e erudita, transformando-os em clássicos modernos, dando a Drummond um status que ele não parece ocupar em nenhum outro país fora do Brasil. Aliás, Willemsen conseguiria resultado similar com Machado de Assis e Guimarães Rosa. Graças a Willemsen

também, Drummond goza de uma fama de poeta erótico em um nível superior ao que goza no Brasil, onde essa parte de sua produção é vista com certa reticência.

Charles Perrone, por sua parte, analisa traduções norte-americanas de um poema concreto de Haroldo de Campos, oferecendo uma perspectiva inusitada, já que estamos acostumados a comentários de poesia traduzida pelos concretos mas não a sua própria poesia traduzidas a outras línguas e segundo critérios semelhantes aos usados por eles na tradução de poesia estrangeira para o português.

A visão de Guilherme de Almeida que nos é apresentada por Juliet Attwater difere significativamente da dominante na história e na crítica literária brasileira. Ainda que suas traduções sejam consideradas importantes, assim como seu conhecimento de versificação portuguesa e francesa, sua obra poética tem sido vista como secundária, pré ou antimodernista e sentimental. Juliet, contudo, vê a poesia de Guilherme de Almeida como uma original mistura de elementos tradicionais e modernos, com a preocupação de contato constante com o leitor, algo que a poesia modernista e de vanguarda descuidaram.

Neste número apresentamos dois trabalhos sobre a tradução da poesia de Hilda Hilst, que vem suscitando uma tardia atenção da crítica nacional e internacional. Inspirado em Antoine Berman e Henri Meschonnic, Álvaro Faleiros comenta sua tradução da poesia de Hilda Hilst para o francês. Beatriz Cabral Bastos igualmente analisa a tradução de poemas de Hilda Hilst, só que para o inglês, de modo que os dois artigos se complementam, oferecendo uma leitura particular da poeta paulista, até há pouco mais conhecida por sua obra em prosa.

Finalmente, Henri Siewierski, que traduziu boa parte da ficção polonesa disponível em português brasileiro e verteu *Mensagem* de Fernando Pessoa para o polonês, nos oferece uma tradução inédita de “Pedem-me um poema”, de João Cabral de Melo Neto, sobre cujas dificuldades ele tece considerações.

Esperamos que este número de *Tradução em Revista* não apenas contribua para as discussões em torno da tradução poética como também atraia a atenção dos estudiosos da literatura para a questão da recepção da poesia brasileira no estrangeiro.